

DOS POVOS TRADICIONAIS



MUSSAMBÊ: raiz de cuidado e memória na medicina tradicional Tapeba

MUSSAMBÊ: Root of Care and Memory in Traditional Tapeba Medicine

Raimunda Cruz do Nascimento¹

Francisca Silvanir Cruz do Nascimento¹

Francisca Silvelena Cruz do Nascimento¹

Ivonilde Silva dos Reis¹

Elizabete Cruz da Silva¹

Maria Áustria Ferreira Mendes¹

Lucilene de Oliveira do Nascimento¹

Antonia Altair Pereira Coutinho² 

Andreza Gonçalves Trajano² 

Isadora de Alcântara Veras³ 

¹ Indígenas Tabepas de Caucaia, Ceará, Brasil

² Servidores do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) - Ceará

³ Profissional formada em Farmácia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).



Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE).



³ Currículo Lattes



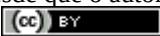
isadora.iaveras@gmail.com

Como citar este artigo:

NASCIMENTO, Raimunda Cruz do;
NASCIMENTO, Francisca Silvanir Cruz do;
NASCIMENTO, Francisca Silvelena Cruz do;
REIS, Ivonilde Silva dos; SILVA, Elizabete Cruz da; Elizabete Cruz da; MENDES, Maria Áustria Ferreira; NASCIMENTO, Lucilene de Oliveira do; COUTINHO, Antonia Altair Pereira; TRAJANO, Andreza Gonçalves; VERAS, Isadora de Alcântara. MUSSAMBÊ: raiz de cuidado e memória na medicina tradicional Tapeba. *Medicinae Plantae*, Fortaleza, v. 3, e95572, 2026. DOI: <https://doi.org/10.36517/mp.v2i.95572>



ACESSO ABERTO

Licença: Este é um artigo em acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

ODS:

3 – Saúde e Bem-Estar.

Recebido em: 16/01/2026.

Aceito em: 25/02/2026.

Publicado em: 09/03/2026

CRediT – Contribuições dos autores:

- **Concepção, Investigação:** Isadora de Alcântara Veras
- **Curadoria de Dados, Análise Formal:** Raimunda Cruz do Nascimento; Francisca Silvanir Cruz do Nascimento; Francisca Silvelena Cruz do Nascimento; Ivonilde Silva dos Reis; Elizabete Cruz da Silva; Maria Áustria Ferreira Mendes; Lucilene de Oliveira do Nascimento.
- **Metodologia:** Antonia Altair Pereira Coutinho; Andreza Gonçalves Trajano.



Check for updates

AS GUARDIÃS DA MEDICINA TRADICIONAL DO POVO TAPEBA

As Guardiãs são mulheres indígenas do povo Tapeba, residentes em Caucaia, no Ceará, que preservam, por meio de suas ações, falas e lembranças, os conhecimentos transmitidos por seus antepassados. Ao longo de toda a vida, aplicando diariamente a medicina tradicional, dedicam-se ao cuidado de suas famílias e comunidade. Atualmente, esses saberes são compartilhados coletivamente em encontros voltados ao diálogo sobre as plantas medicinais, nos quais as Guardiãs ensinam às novas gerações, de forma prática, as formas de cultivo, preparo e uso de remédios naturais, como lambedores, chás, sabonetes e emplastos.

Figura 1 – Guardiãs da Medicina Tradicional do Povo Tapeba, Caucaia – Ceará



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025).

Nas aldeias Trilho, Ponte e Lagoa dos Tapebas, onde acontecem os encontros das Guardiãs voltados à prática e ao compartilhamento da medicina tradicional, mantêm-se vivos os modos de vida do povo Tapeba, fortalecendo a identidade coletiva e a relação com o território. A partir de 2023, as Guardiãs passaram a se reunir de forma regular, ocupando quintais, calçadas e espaços de apoio da própria comunidade. Com o tempo, esses encontros se ampliaram, criando novas possibilidades de convivência, troca e escuta. Cada reunião tornou-se um espaço de cultivo simbólico, no qual saberes foram semeados e cuidados, germinando

nos corpos, nas memórias e no território, como parte de um processo coletivo em permanente construção.

As Guardiãs se articulam com o apoio do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), por meio do Polo Potyro Tapeba, fortalecendo a circulação desses conhecimentos no presente. Nesse percurso, foram reconhecendo a potência de suas próprias vozes e da medicina tradicional que praticam, o que despertou o desejo de compartilhar esses saberes para além dos limites imediatos da comunidade. Hoje, a medicina tradicional Tapeba permanece viva e em movimento, dialogando com o Sistema Único de Saúde sem romper com suas raízes ancestrais. Ao se reinventar diante dos desafios do tempo presente, reafirma o cuidado tradicional como expressão do bem viver. Com as plantas, não se cuida apenas do corpo: preserva-se a memória coletiva e contribui-se, pouco a pouco, para a cicatrização das feridas deixadas pelo colonialismo.

A HISTÓRIA DO MUSSAMBÊ

Figura 2 – Planta Medicinal Mussambê.



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025)

Quando eu era criança, eu escutava meus avós conversando, eles diziam que o pessoal daquela época não tinha medicamento para tuberculose. Quando alguém tinha tuberculose, tinha que sair de dentro de casa, e ficar isolado em algum canto longe das casas, longe de tudo.

Eu escutei essa história deles dizendo que uma pessoa da família saiu de casa e disse que queria morrer no mato, onde não tivesse contato com ninguém. Então ele foi pro mato, quando ele chegou na beira do riacho, cavou um buraquinho lá pra tomar água. E essa água que ele tomava, era perto de uma raiz. O tempo foi passando, e ele bebendo dessa água e comendo frutos do mato, que antigamente as matas davam muitos frutos. Ele ficou se alimentando e bebendo essa água do buraco que ele cavou, perto de um pé de pau. O tempo foi passando, e em vez de piorar, ele ficou bom. Não sentia mais febre, não sentia mais tosse, não sentia mais nada, aí ele resolveu voltar para casa. Quando ele chegou em casa, todo mundo ficou muito alegre, porque ele tinha voltado bom, e então perguntaram a ele o que era que ele tinha comido, qual alimentação. Ele foi e falou, que ele se alimentava das frutas e tomava água. Tinha feito um buraquinho, tipo um cacimbinha perto de umas raízes de um pau, lá no riacho. Foram procurar saber, e descobriram que é o Mussambê. Foi nessa época que eu acredito que descobriram que existia esse remédio das plantas medicinais que cura a tuberculose. Depois desse tempo, nunca mais ninguém morreu de tuberculose.

Planta medicinal do bioma Caatinga, o mussambê utiliza principalmente o caule e as raízes. Conhecido cientificamente pelos gêneros *Tarenaya* ou *Cleome*, pode ser identificado pelas espécies *Tarenaya spinosa* ou *Cleome hassleriana*. Apresenta amplo uso na medicina popular e tradicional, especialmente no tratamento de sintomas respiratórios e inflamatórios.

RELATOS DAS GUARDIÃS

A história do mussambê, é dos antepassados, é medicina que curava. E ainda hoje em dia, a gente acredita na força que ela tem. Mas, só serve a que nasce na areia e não do barro. Você corta um pedaço da raiz, faz meio litro de chá, fica bom e ainda ensina aos outros. Minha avó dizia, que o mussambê da flor branca, curava tudo, sete qualidades de doença, e a tuberculose era uma. Nessa época, quando alguém adoecia dos pulmões, era colocado num quarto reservado, para morrer, para o lado poente da casa, para o vento levar.

Dona Raimundinha

Desde quando eu era criança, eu ouvia falar do mussambê. Meus avós contavam história, e eu sempre escutava eles falando das plantas medicinais. Eu fiquei com aquilo na cabeça e desde criança, sempre

quis muito conhecer o mussambê. Quando foi um dia, minha avó e meu avô foram pra banda do rio e trouxeram um pezinho de mussambê com raiz e tudo, então eu tive esse privilégio de conhecer ainda bem nova.

Sílvia

Eu conheci o mussambê através da minha mãe, eu cheguei lá gripada e perguntei: mãe o que é que eu tomo para passar essa gripe. Ela falou: bote a raiz do mussambê de molho e tome durante sete dias. Foi aí onde eu fui conhecer, com um remédio no terreiro de casa e eu gripada. Ela me disse: minha filha – o mussambê cura até tuberculose. E assim, eu fiz e fiquei boa.

Leila

Meu primeiro contato foi quando minha mãe pegou, meu irmão teve enfraquecido, na época era enfraquecido, não era tuberculose. Nessa época minha mãe separava tudo, a gente não podia comer na colher que ele comia, não podia comer resto de comida que ele comia, a água tinha que ser separada, e minha mãe pegava a raiz do Mussambê colocava numa cabaça, ali ela enchia da água e ali ele tomava. Hoje não é do mesmo jeito porque a gente já tem um tratamento né, mas naquela época você não podia nem dormir perto daquela pessoa, não comia resto de comida. E aí eu fui crescendo e fui vendo a minha mãe sempre né fazendo este remédio. Eu cheguei a perguntar pra ela se ela sabia assim alguma lenda sobre a história do Mussambê mas ela disse que não nunca viu falar a única coisa que ela sabia que ela já trazia da mãe dela né que a mãe dela tinha esse remédio. Ela fazia outros remédios, não só o mussambê, pois ela sempre botava o mussambê com a xanana, que também era muito bom e graças a Deus ela curava os filhos dela, porque ela já via a mãe dela fazer. E daí a gente começou e hoje é o que a gente sempre faz quando tem esse tipo de doença dentro da comunidade. Naquela época não era difícil arrumar, porque na época só arrancava na beira do rio porque não tinha muita casa, não tinha nada, era só mato, hoje é difícil. É mais nas beiras dos rios dos açudes que a gente encontra

eles, aí tira a raiz. Tem a raiz dele que é tão grande, que os pedaços dela você tem que cortar, machucar, porque é grosso.

Ivanilde

Eu conheci o mussambê, na época que meu tio, que era irmão do meu pai, estava muito doente, com aquela doença, que hoje em dia tudo mudou. Ele era enfraquecido, doença chamada agora como tuberculose. Ai esse meu tio, estava com essa doença, ai a minha avó, que era mãe da minha mãe, que já partiu para a glória também, ela disse: “vamos fazer a garrafada do mussambê mas não podia apanhar o mussambê da beira das estrada tinha que ser no lugar que fosse que fosse brejado como lagoa beira de rio da estrada”, porque antigamente tinha muito pé de mussambê, então eles arrancaram a raizona grande aí botaram de moi e deram pra ele tomar tipo assim.. uma garrafada era água que ele bebia, dentro de um pote cheio dessas raiz e ele ficava bebendo, e nessa época não tinha assim remédio de farmácia e não tinha nada não aí ele foi indo.. melhorando melhorando. Aí com o mussambê, a gente fazia lambedor, garrafada. A raiz serve para mil e uma coisas e já dizia os mais velhos o mussambê levanta até defunto, era o que eu via eles contando e eu sei que ele se curou né ficou bom, ficou bom dessa doença que ele tinha. Era tuberculose. Aí depois ele adoeceu de novo, aí dessa outra vez ele faleceu, mas tinha se curado com o mussambê.

Beth

O mussambê, eu conheci desde que me entendi como gente, só que para o tratamento eu vim conhecer quando tinha 12 anos de idade, pois minha mãe tinha vazante e ela plantava muito, e ela sempre dizia: “isso aqui é remédio, não arranque sem necessidade”. Mas quando eu tinha 12 anos minha irmãzinha caçula teve pneumonia gravíssima e lá não tinha hospital não tinha como curar ela com remédio de farmácia porque não tinha como comprar e minha mãe disse: “olha minha filha isso aqui é o remédio, a partir de hoje é a água que ela vai tomar e todo mundo vai ter que tomar!”, porque essa gripe dela na época ninguém sabia nem que era pneumonia só que ela vivia com febre direto e ela tinha muitas

dores nas costas. Hoje em dia dá pra saber o que é pneumonia, mas antigamente, depois de muito tempo é que fomos saber o que é pneumonia. Ela estava com febre dia e noite chorava, os olhinhos tudo fechado, ela tinha um aninho de idade e minha mãe disse que a partir de hoje todo mundo vai tomar água de mussambê. Foi três meses tomando, lavava o pote, arrancava as raízes na beira do açude, amassava as raízes e botava dentro do pote, e todo mundo tinha que tomar. Mas minha irmã ficou boa, nunca mais até hoje, ela tem 43 anos, mas ela não gripa mais, nunca mais a gente viu assim, ela com aquela gripe forte e ela foi curada com a raiz mussambê, só exclusivamente a raiz do mussambê dentro da água.

Áustria

Eu conheci através da minha avó, porque a gente trazia da mata, onde íamos tirar a palha da carnaúba, aí a gente trazia porque meu avô tinha problema nos pulmões, uma bronquite asmática, aí ele bebia e fumava, e sempre trazíamos para cuidar dele. Aí a conheci através dela, pois ela dizia que curava câncer, asma, gripe, pneumonia, era bom pra tudo. Depois que eles envelheceram, que nós não conseguimos mais, e eu me casei.. nós nos afastamos pois ela morava no interior, ela foi morar mais a minha mãe e o meu avô.. de vez em quando me lembrava disso aí eu falava pra mãe pegar onde a gente tinha costume de pegar, na mata, ali é só alagado, água como se fossem possas d'agua, aí ia lá, arrancava e fazia pra eles. Depois meu avô teve que sair de onde ele estava e depois de algum tempo ele faleceu, por causa dos pulmões. Depois que a mãe faleceu, a outra filha não tinha interesse em cuidar dele, ela era evangélica e dizia que esses negócios nossos não serviam, pra ela era só médico. Aí ele ia pro médico e passava uma ruma de antibiótico e não resolvia. Aí quando ele vinha com a minha avó, a gente fazia lambedor, garrafada, pegava garrafa de 2 litros e colocava água e as raízes dentro e substituir pela água e ele não vivia doente. A história que sei do mussambê, que eu conheço e que vivenciei foi essa, com a minha avó mas por causa do meu avô. Graças a Deus fomos criadas com aqueles remédios caseiros, que por isso hoje em dia é difícil a gente

ficar doente. Era difícil um filho meu ficar doente, era difícil um filho da minha avó, mas graças a Deus é isso.

Lucilene

PREPARAÇÕES COM O MUSSAMBÊ

Encontramos somente em área de brejo, lagoa e açudes e só serve se for no chão mojado, e ele serve pra fazer os lambedores como também fazer garrafada que ele serve pra tirar catarro do peito. Serve pra muita coisa, pra levantar até defunto, é o que dizem os mais velhos. Igual o Mastruz, quando você está muito gripado e toma ele, a tosse vem cheia. Ele é anti inflamatório. Ele é um mato com a raiz grande e branquinha, parecida com a pepaconda, mas ela é mais grossa. E na minha mente ele tinha tipo uns pelinhos e saia umas florzinhas azulzinhas.

Beth

Ele tem umas folhas bem grande, bem verdinha e é mais ou menos do tamanho de uma folha de rosa, aí ele tem as flores brancas e cresce bem grande, com muitos galhos na beira do rio e todos eles só nascem na beira de açude. Devido a ele viver muito tempo nas beiras dos rios, ele cresce muito. Aí a gente tira ele, lava, machuca e coloca na água. Aí você bota na água pra beber e também faz a garrafada, e é muito bom para tuberculose, pra tirar o catarro do peito, ele serve para tuberculose, porque ele cura. Meu irmão foi curado com a água do mussambê. Tudo o que você for fazer você tem que ter fé, porque se toma o remédio e não tem fé, não funciona. Igual remédio da farmácia, se você toma e não ficou boa, você também não acreditou que aquele remédio irá curar sua doença, mas a gente tendo fé a gente é curado.

Ivonilde

Ele é bom para dor no estômago, para dor de cabeça. Ela é branca, mas vai ficando rosa quando vão envelhecendo, porque eu a conheci assim.

Lucilene

RECEITAS

Raiz de mussambê de molho na água

Arranca-se a raiz do mussambê, preferencialmente a que nasce em área de brejo. A raiz deve ser lavada cuidadosamente; em alguns casos, realiza-se a escovação para higienização. Pode ser utilizada inteira ou batida/machucada. Em seguida, a raiz é colocada de molho em água, utilizando-se recipientes como pote de barro, quartinha, garrafa ou cabaça. A água do molho é ingerida ao longo do dia.

Pode ser utilizado para gripe, catarro no peito e chiado, o uso ocorre por dois a quatro dias ou até melhora do quadro. Em alguns casos, o consumo se estende por sete dias. A água pode ser renovada, mantendo-se a raiz ou adicionando novas raízes. Há relatos de preparo noturno, com consumo da água no dia seguinte. Em casos de doenças mais graves, como a tuberculose, o uso é prolongado. O tempo de consumo varia conforme o estado da pessoa, podendo durar um mês, dois meses ou mais. Em alguns relatos, o tratamento se estende por até seis meses, associado a outras misturas realizadas pela família.

Raiz e caule batidos de molho

Quando a raiz do mussambê é pequena, utiliza-se a raiz em companhia do caule. Ambos são batidos ou amassados e, posteriormente, colocados de molho em água. A água é ingerida ao longo do dia.

Esse preparo pode ser ingerido até três vezes ao dia, sendo utilizado por cerca de sete dias para casos de gripe e peito cheio.

Lambedor de mussambê

O lambedor e o xarope são preparados a partir da raiz e do caule do mussambê, diferenciando-se pela consistência final, sendo o lambedor mais grosso e o xarope mais fino.

Ambos são utilizados para gripe, catarro no peito e outros problemas respiratórios, conforme o saber tradicional.

O ENCONTRO DOS SABERES

O presente encontro entre os saberes é fundamentado em princípios éticos e no diálogo intercultural, reconhecendo que o uso da planta medicinal se apoia em observações empíricas, na transmissão oral e na prática contínua ao longo de gerações. Trata-se de um conhecimento que antecede e, em muitos casos, orienta as investigações científicas, possuindo validação própria no âmbito da oralidade que estrutura os saberes ancestrais do povo Tapeba.

Nesse contexto, o diálogo com o conhecimento acadêmico-científico se insere em um processo historicamente marcado por profundas assimetrias epistemológicas. Com frequência, a ciência ocidental se apropria dos conhecimentos indígenas como ponto de partida para estudos farmacológicos sob uma lógica extrativista do saber, na qual práticas ancestrais são descontextualizadas, fragmentadas e reinterpretadas a partir de modelos biomédicos hegemônicos. Em contraposição a essa dinâmica, o presente artigo busca a superação dessa lógica por meio do reconhecimento da autoria coletiva indígena e da afirmação desses saberes como sistemas legítimos e autônomos de produção de conhecimento.